

QUATRO PRINCÍPIOS DE EDUCAÇÃO ORATÓRIA SEGUNDO QUINTILIANO

Beatriz Avila Vasconcelos
[Mestre em Letras Clássicas-USP]

RÉSUMÉ

Le présent article offre un aperçu introductoire du système pédagogique développé dans l'*Institutio oratoria* en exposant brièvement quatre principes de l'éducation oratoire préconisée par Quintilien. Notre attention ne s'adresse ni aux contenus de cette éducation, ni à des considérations techniques de rhétorique, mais à la méthodologie présentée par Quintilien pour la formation de son *summus orator*.
Mots-clés: Éducation Romaine; Rhétorique; Quintilien.

QUINTILIANO EDUCADOR

A importância de Quintiliano para a formação dos estandartes da educação romana e mesmo ocidental não precisa ser anunciada. Desde Marcial, que já o chamara de *uagae moderator summe iuventae* (*Ep.* II, 90) a Ernst Curtius (1996: 536), que nele viu um “guia do humanismo”, os méritos educacionais do autor da *Institutio oratoria* foram reiteradamente reconhecidos até os dias atuais¹. No Brasil, no entanto, o Quintiliano educador é pouco conhecido. Provavelmente sua condição de retor, sua fama de não-original ou mesmo sua “latinidade de prata” ainda se constituem em velhos empecilhos a desanimar potenciais leitores da *Institutio oratoria*. Porém, é preciso lembrar que a eloquência, sobretudo no mundo romano, foi não apenas uma disciplina, mas a disciplina por antonomásia,

1. Cf. Pereira, 2000: 224-26 e bibliografia sobre o assunto em Kennedy, 1962: 131-2 e Adamietz, 1986: 2227.

figurando como a arte em torno da qual se ordenava toda a vida de estudos, todo o *discere*, notadamente no âmbito escolar. Mas Quintiliano, seguindo a senda de Cícero, concedeu à oratória uma abrangência ainda maior. Ele prevê um programa integral de formação oratória, que acompanhará o indivíduo do berço ao túmulo (Kennedy, 1962: 132). Mais que ao ofício é ao homem que ele visa, o que fez Curtius (1996: 533) dizer que o orador ideal de Quintiliano “é ao mesmo tempo o homem ideal”. Esta é apenas a razão mais geral e evidente dentre as diversas que fizeram e fazem de Quintiliano um dos autores antigos mais lidos pelos curiosos, estudiosos e pensadores da educação.

Esta mesma razão nos motiva a, neste artigo, falar de quatro princípios da educação oratória propugnada por Quintiliano, a fim de fornecer um panorama introdutório do sistema educacional desenvolvido na *Institutio*. A preocupação aqui não é com os conteúdos de tal educação, nem com a parte técnica da retórica, mas com a metodologia proposta por Quintiliano para a formação de seu orador.

O PROJETO EDUCACIONAL

Quando se fala de educação oratória, pensa-se geralmente em uma sorte de instrução técnica de manipulação do discurso, cujo intuito é tornar o aprendiz um homem capaz de persuadir por meio de sua fala. De fato, esta formação técnica do orador correspondia comumente à oferecida nas escolas dos retores antigos, de tradição sofisticada, mas isolada ela seria insuficiente para realizar o ideal de educação retórica preconizado por Quintiliano em sua *Institutio oratoria*. Segundo as palavras do próprio Quintiliano:

O que eu quero é formar não mão-de-obra para tribunais, nem uma voz mercenária, e nem – para poupar termos desagradáveis – um advogado de muita utilidade nos litígios, enfim, desse tipo que o vulgo chama de causídico, mas sim um homem que, além de preeminente por seus dons naturais, ainda tenha cingido com entendimento profundo os tantos nobilíssimos saberes, enfim, um presente dado à humanidade, o qual jamais fora conhecido desde os tempos mais remotos, ser único e perfeito em todos os sentidos, que concebe as coisas mais sublimes e fala da maneira mais sublime (*Inst. or. XII, 1, 25*)².

2. *Non enim forentem quandam instituimus operam nec mercenariam uocem neque, ut asperioribus uerbis parcamus, non inutilem sane litium aduocatum, quam denique causidicum uulgo uocant, sed uirum cum ingenii natura praestantem, tum uero tot pulcherrimas artis penitus mente complexum, datum tandem rebus humanis, qualem nulla antea uetustas cognouerit, singularem perfectumque undique, optima sentientem optimeque dicentem.* As referências a passagens da *Institutio oratoria*, daqui para a frente, prescindirão da indicação *Inst. or.*, e trarão

Certamente, para formar um tal homem seria preciso bem mais que ensinar regras técnicas de oratória.

Este ideal de orador não é originalidade de Quintiliano, que também nisto é herdeiro de Cícero³. De um modo geral, pode-se afirmar que Cícero assumiu a tarefa de tentar conciliar a tradição técnica da retórica sofisticada com as exigências morais que os filósofos, já desde Platão, lhe faziam. A rixa entre filósofos e retores tem uma longa e matizada história e importa aqui apenas fazer notar que a ela o ideal ciceroniano de orador deve muito. A ampla formação oratória, propugnada no *De oratore*, revela o incontestado esforço de Cícero em fazer do orador um *sapiens* e, assim, aproximá-lo do filósofo. A despeito de sua pouca simpatia pela filosofia⁴, Quintiliano é o grande herdeiro deste ideal ciceroniano de orador. Ele também deseja que o seu orador seja um *sapiens*, mas, ressalta, “do tipo romano, mostrando-se um verdadeiro homem de Estado, não por meio de discussões entre quatro paredes, mas pela vivência das coisas e pela prática...” (XII, 2, 7)⁵. Também Cícero parece não ter desejado coisa muito diversa. Além disso, uma vez que a eloquência fosse considerada, tal como o foi por Cícero e Quintiliano, como o cerne da civilização⁶, não se poderia destinar ao orador unicamente uma instrução técnica: para constituir Estados, instituir leis, governar os homens, o orador deveria possuir uma ampla formação, que não apenas lhe desse os conhecimentos necessários à sua missão política, mas que ainda fortalecesse o seu caráter.

Assim, nos doze livros de sua *Institutio oratoria* – publicada por volta de 95 d.C. – Quintiliano toma como lema uma antiga fórmula estoica atribuída a Catão: *uir bonus dicendi peritus* (XII, 1, 1). É o homem de bem e versado na eloquência que Quintiliano deseja formar e chamar pelo “nome sagrado de orador” (*oratoris illo sacro nomine*: XII, 1, 24). Os conhecimentos que o orador deve adquirir por meio de uma educação oratória não devem apenas torná-lo um bom orador, mas também, e sobretudo, um homem bom. E Quintiliano leva esta relação entre virtude moral e virtude oratória a um tal extremo de

apenas a indicação do livro (em número romano), seguida da indicação do capítulo e do item do capítulo (ambos em números arábicos). As edições do texto utilizadas constam da bibliografia no final do artigo.

3. A influência de Cícero sobre Quintiliano é exaustivamente apontada. Cf. Bolaffi, 1956: 537-543 e ainda Kennedy, 1972: 504.

4. O que punha Quintiliano em perfeita sintonia com a política dos Flávios. Sobre isto cf. Kennedy, 1962: 135 e ainda Avila Vasconcelos, 2001: 43-45.

5. *Atqui ego illum, quem instituo, Romanum quendam uelim esse sapientem, qui non secretis disputationibus, sed rerum experimentis atque operibus uere ciuilem uirum exhibeat.*

6. Sobre a idéia da eloquência civilizadora em Cícero, cf. *De or.* I, 33; III, 76; *Inv.* I, 2, e em Quintiliano, cf. I, pr. 10.

interdependência, que chega mesmo a vaticinar que não haverá certamente de ser orador, senão o homem de bem (I, Pr., 9)⁷.

Esta exigência de ser bom para se tornar um orador deve-se ao *status* atribuído por Quintiliano à eloquência, com seu poder civilizador e com sua missão de instaurar a justiça. Somente um homem bom, conhecedor do justo e do honesto, pode utilizar a eloquência para estes fins, e somente utilizando-a para o bem é que o orador poderá experimentar-lhe o máximo poder. É de se prever, portanto, que Quintiliano irá, em sua *Institutio*, privilegiar a formação de um homem moralmente bom sobre a formação, comumente oferecida pelos retores da época, de um orador bem sucedido e vencedor de causas. Sua definição estoica de retórica como *bene dicendi scientia* (II, 14, 5 e 34) pode ser tomada também como resumo de seu ideal pedagógico. Já por chamá-la de *scientia* revela sua intenção de fazer dela um saber mais alto que o de uma *ars*. E ao destinar esta ciência ao *bene dicendi*, não quer apenas tornar seu possuidor apto a dizer bem, tecnicamente falando, mas sobretudo capaz de dizer o bem.

À primeira vista, o projeto educacional de Quintiliano parece uma idealização ambiciosa. Mas, professor de retórica e orador por mais de vinte anos, Quintiliano crê em sua concretização, ainda que esteja ciente das dificuldades. Ele se apóia em sua vasta experiência e seu projeto de educação oratória, segundo ele, é possível de ser realizado.

Por que perder a coragem? A natureza não impede que haja um orador perfeito, e é vergonhoso desesperar-se disso que pode ser feito (I, 10, 8)⁸.

Animado por isto, Quintiliano escreve sua *Institutio oratoria*, em que, além de tratar da parte técnica da retórica, discorre ainda sobre os métodos, o *curriculum*, as práticas e os princípios relativos à formação nessa *scientia bene dicendi*. Trata-se de um programa pedagógico completo, abrangendo desde os primeiros anos da criança na escola – e mesmo antes da escola – até a formação do orador adulto. Este programa é regido por princípios pedagógicos que, para Cousin (*in*: Quintilien, 1975: 3), resumem-se em três: 1. a confiança na natureza do aluno, 2. a necessidade de adaptar o ensino às aptidões do discípulo, 3. a

7. *Oratorem autem instituimus illum perfectum, qui esse nisi uir bonus non potest, ideoque non dicendi modo eximiam in eo facultatem, sed omnis animi virtutes exigimus.* Clarke (1966: 115) nota que “nenhum tratado de retórica anterior começou desta maneira. A ênfase tradicional da literatura retórica era antes na oratória que no orador, antes na arte que no homem”. Quintiliano inverte a ordem.

8. *Sed cur deficiat animus? Natura enim perfectum oratorem esse non prohibet, turpiterque desperatur quidquid fieri potest.*

orientação para a prática. Porém, a nosso ver, deve-se incluir ainda um outro princípio. Como o nota Pereira (2000: 28), a moral é para Quintiliano pressuposto da retórica: “Esta moral responde pela filosofia que subjaz à concepção de eloquência de Quintiliano e encorpa mesmo sua concepção da formação pedagógica: só é possível tornar-se orador perfeito sendo um *uir bonus*, e é dessa idéia que parte toda a sua metodologia e todo o seu sistema”. Isto considerado, deve-se, portanto, acrescentar ao elenco de Cousin um quarto princípio, talvez o mais fundamental, base de todos os outros, a saber: 4. a destinação moral do ensino oratório. A seguir, examinaremos cada um destes princípios pedagógicos.

OS PRINCÍPIOS

1. Confiar na natureza do aluno

Em geral, a educação oratória começava por volta dos 16 anos de idade, quando o menino saía da escola do gramático, onde era introduzido nas primeiras letras através da leitura dos poetas, e entrava na escola do retor, onde aprendia os preceitos do discurso e entregava-se à prática da eloquência. Para Quintiliano, no entanto, a educação oratória devia iniciar-se, a rigor, desde o berço (*ab incunabulis*). Se a formação do corpo robusto, argumenta Quintiliano, começa com o aleitamento, a da eloquência começa com os primeiros vagidos do bebê (I, 1, 21). Isto pode parecer-nos um total exagero, mas para Quintiliano a educação oratória era o eixo central da formação do cidadão, e mais amplamente do homem. Assim, ensinar a falar bem não podia ser uma preocupação apenas de professores. Devia estender-se aos pais (I, 1, 6), aos escravos que cuidavam da criança (I, 1, 8) e até à ama de leite (I, 1, 4). Todos os que conviviam com a criança deviam ter, além de um caráter exemplar, uma linguagem pura e correta para, desde bem cedo, acostamá-la a tal linguagem e a tal caráter. E isto se faz tanto mais necessário quando se considera, como Quintiliano, que as primeiras impressões da infância são as que se guardam com maior tenacidade (I, 1, 5 e 22), tal como a cor que primeiro tinge a lã branca não desaparece com a lavagem (I, 1, 5).

Pode-se dizer que a preocupação com a formação oratória desde a mais tenra infância confere a Quintiliano o caráter próprio de um pedagogo⁹. Ela

9. Cícero não trata sistematicamente dessa formação oratória elementar, o que parece ter sido uma peculiaridade de Quintiliano. Há a notícia de que Plínio-o-velho teria querido em sua obra de retórica tratar da formação e aperfeiçoamento do orador também já desde o berço. Mas o escrito parece não ter se destacado muito nesse particular (cf. Adamietz, 1986: 2236).

tem como fundamento mais próximo o fato de Quintiliano colocar o talento natural do aluno como condição necessária para a educação oratória.

Deve-se enfatizar, antes de tudo, que os preceitos e as técnicas [da eloquência] nada podem sem os dons naturais. Assim a obra que escrevo não pode valer para um homem sem talento, mais do que o cultivo agrícola para as terras estéreis (I, Pr., 26)¹⁰.

A exigência de alunos talentosos não significa que Quintiliano pretenda educar somente uma seleta elite de geniozinhos. Para ele, por natureza as crianças são, em sua grande maioria, talentosas para falar e, se o seu talento desaparece quando crescidas, é devido ao pouco cuidado dispensado a ele (I, 1, 2). Daí a preocupação de Quintiliano com a formação oratória da criança pequena, cujo talento deve ser estimulado a fim de não desaparecer por culpa da negligência dos adultos.

2. Adaptar o ensino às aptidões do aluno

O desejo de fertilizar os talentos de seus alunos conduz Quintiliano ainda a uma postura pedagógica que busca adaptar o ensino às aptidões naturais do discípulo¹¹. Caso o aluno seja tímido, deve-se-lhe desenvolver a ousadia. Se temerário, deve-se-lhe impor freios (II, 8, 9). O ensino (*ars/doctrina*) deve agir sobre a natureza (*natura/ingenium*), preenchendo aquilo que falta e tirando o que sobra. É a imagem do escultor trabalhando no mármore a usada por Quintiliano para simbolizar a relação entre *doctrina* (a mão que molda) e *natura* (o material que é moldado) (II, 19, 3).

O retor deve ser sagaz para perceber a inclinação natural de cada aluno a um determinado *genus dicendi* – seja o limado, o grave, o áspero, o doce – para, então, conduzir o jovem ao gênero em que ele se distingue (II, 8, 4). Entretanto, deve-se evitar o risco do especialismo. “A eloquência é como a cítara”, diz Quintiliano: “não será perfeita enquanto todas as cordas, da mais alta à mais baixa, não estiverem bem distendidas e afinadas” (II, 8, 15)¹². O orador, portanto, deve saber versar em todos os estilos, desde o mais grave ao mais sutil, ainda que tenha maior talento para um estilo determinado.

10. *Illud tamen in primis testandum est, nihil praecepta atque artes ualere nisi adiuuante natura. Quapropter ei, cui deerit ingenium, non magis haec scripta sint quam de agrorum cultu sterilibus terris.*

11. A opinião parece ter sido originalmente de Isócrates (*Soph.*, 10), que é mencionado pelo próprio Quintiliano (II, 8, 11), o qual talvez tenha tido Cícero como fonte (*De or.* III, 36).

12. *Nam sicut cithara ita oratio perfecta non est, nisi, ab imo ad summum omnibus intenta neruis consentiat.*

Trata-se certamente de um “método natural”. A *ars* para Quintiliano “é meramente metodização da Natureza, um meio de tornar o esforço natural mais efetivo” (cf. Atkins, vol. II, 1952: 263). Assim Quintiliano declara:

De minha parte não luto contra a natureza: julgo, de fato, que algo bom, sendo ele inato, não deve ser negligenciado, mas o que falta estimulado e completado (II, 8, 10)¹³.

O princípio do respeito à natureza do aluno rege também os métodos de avaliação escolar. Neste item, como em tantos outros, Quintiliano segue o princípio da moderação. Não deseja professores permissivos nem demasiadamente entusiasmados com o sucesso dos discípulos. Deve-se felicitar quando há mérito, mas sempre moderadamente, ele afirma (II, 4, 9). Por outro lado, critica veementemente professores que abusam de sua autoridade, infligindo castigos violentos e reprimindo com hostilidade (I, 1, 13-14)¹⁴. Acredita que uma severidade excessiva na correção dos erros desanima os jovens, pois que eles perdem as esperanças, sofrem e no fim acabam pegando aversão ao estudo (II, 4, 10). Que o professor, devendo ser amável, tenha sempre uma palavra de ânimo para o discípulo.

Nada melhor que a esperança para tornar o estudo uma alegria. Além disso, cada idade deve ser corrigida de modo apropriado e as exigências da correção devem ser proporcionais às forças [de cada um] (II, 4, 14)¹⁵.

O respeito que o professor demonstra pelo aluno merece um retorno. Quintiliano então aconselha o discípulo a

amar, tanto quanto os estudos, os professores, considerando-os pais, não do corpo, mas do espírito (II, 9, 1)¹⁶.

Esta *pietas* é vista por Quintiliano como grande motivadora da aprendizagem, pois o amor ao mestre leva o discípulo a escutá-lo de bom grado, a confiar em suas palavras, a tomá-lo como exemplo de vida (II, 9, 2), a ter,

13. *Neque ego contra naturam pugno. Non enim deserendum id bonum, si quod ingenium est, existimo, sed augendum addendumque quod cessat.*

14. “Praticamente sozinho entre os educadores antigos, ele se opõe firmemente ao açoite” (Kennedy, 1972: 491).

15. *...quatenus nullo magis studia quam spe gaudent. Aliter autem alia aetas emendata est, et pro modo uirium et exigendum et corrigendum opus.*

16. *...ut praeceptores suos non minus quam ipsa studia ament et parentes esse non quidem corporum, sed mentium credant.*

enfim, prazer em aprender. Um prazer que não provém de outra coisa senão da *sociata concordia* entre o que dá o ensino e aquele que o recebe, e sem a qual a eloquência não conseguirá amadurecer (II, 9, 3).

3. Orientar o ensino para a prática

Este é um traço fundamental da pedagogia de Quintiliano (cf. XII, 6-7) e que a faz concordar com os estandartes da educação tradicional romana¹⁷. Na parte teórica do ensino oratório, tratava-se de discorrer sistematicamente sobre o corpo de preceitos da eloquência, conforme fixado pela tradição dos sofistas: as divisões do discurso, suas etapas de elaboração, seus estilos. Mas, para Quintiliano, além de memorizar tais preceitos, era preciso ainda saber aplicá-los e adequá-los a cada situação. Isoladamente os preceitos não são suficientes para gerar a *uis dicendi*. Para isto é necessário juntar-se a eles ainda uma *firma facilitas*, ou *hélix* (X, 1, 1)¹⁸. A parte prática da instrução oratória, privilegiada pelo autor da *Institutio*, serve precisamente para desenvolver esta *firma facilitas*, esta presteza segura no uso dos conhecimentos oratórios, essencial para o sucesso do orador na vida pública. A prática oratória poderia realizar-se no exercício efetivo, forense e político do dizer – isto é, pelo *usus* – e ainda no treino da eloquência, seja no próprio ambiente escolar, seja privadamente. Este treino era conhecido como *exercitatio dicendi*.

Segundo Quintiliano, a *firma facilitas* pode ser adquirida por meio de três tipos de exercitação: pela escrita, pela leitura e pelo discursar (X, 1, 1: *in scribendo, in legendo, in dicendo*). Ele então prevê duas séries destes três tipos de exercícios oratórios, a serem desenvolvidas em níveis distintos da formação retórica. A primeira série, destinada ao iniciante então recém-saído da escola

17. O ensino formal da oratória não foi aceito sem resistências pela nobreza romana tradicional (cf. *De orat.* III, 24). A instrução retórica escolar jamais foi considerada suficiente pelos autores mais renomados da retórica latina. Por exemplo, no *De oratore*, Cícero fez o próprio Crasso gabar-se de aprender eloquência “não pelas artes dos *Graeculi* e pelas cantilenas escolares, mas na convivência com os homens mais eloquentes e sábios” (*De orat.* I, 81; cf. ainda I, 105). O próprio Cícero também declara ter recebido em sua juventude esta educação tipicamente romana (*De orat.* II, 2-4). Quintiliano, por sua vez, tem o mérito de tentar incluir este elemento prático da formação do orador em um programa pedagógico sistemático.

18. Tradicionalmente é *habitus* o correspondente latino do grego *hélix*. Aristóteles (*Categ.* 8 b 25) define o termo como uma espécie de disposição relativamente permanente e constante, tal como os diversos saberes e virtudes. Cousin (*in: Quintilien*, 1979: 292) o explica nestes termos: “é essencialmente a posse (*echein, habere*); não implica necessariamente o usufruto ou a utilização (*chrésis*) da coisa no momento presente; é um estado, uma disposição ou ainda uma potência, mas uma potência definida que tende a passar ao ato, uma disposição permanente...”

do gramático¹⁹, é exposta por Quintiliano em seu livro II, 4-10. A segunda série, a ser praticada pelo orador já em um nível avançado, é o assunto do livro X da *Institutio oratoria*. Trataremos brevemente de ambas.

a) Os Exercícios Oratórios Elementares

Tais exercícios eram, aliás, objeto de disputa entre o retor e o gramático. Este costumava ser acusado de estar invadindo a “propriedade” do retor, aposando-se, inclusive, de exercícios inteiramente oratórios, como a declamação, por exemplo²⁰. Muitas vezes o próprio retor negligenciava aquelas tarefas que ele considerava indignas de seu *curriculum*, relegando-as ao gramático. O certo é que, e isto é reconhecido pelo próprio autor da *Institutio oratoria* (II, 1, 3 e II, 4, 1), a etapa final do ensino gramatical e a inicial do ensino retórico coincidiam, permitindo aquela “invasão” que Quintiliano, advogando em causa do próprio ofício, rejeita (I, 7, 32).

Assim, Quintiliano não introduz o seu curso “por aquilo que ordinariamente é chamado pelo vulgo de *ars rhetorica*” (II, 4, 1), isto é, pela parte propriamente teórica do ensino retórico. Ele aqui se afasta da ordem tradicional deste ensino e faz o seu aluno de oratória começar por uma série de exercícios similares aos da escola do gramático (II, 4, 1)²¹, com a função principal de levar os alunos a comporem partes do discurso e gradativamente prepará-los para o todo. Inicialmente os *exercícios de composição escrita*, como os de narração, por exemplo (II, 4, 2)²². Enquanto o gramático se encarregaria de

19. A série de exercícios da escola do gramático não será tratada neste artigo, que se restringe à educação especificamente retórica. A rigor, no entanto, os exercícios gramaticais não estão separados do programa de educação retórica, uma vez que a instrução gramatical é considerada por Quintiliano como a base sobre a qual será erigido todo o edifício da eloquência. A propósito do ensino gramatical segundo Quintiliano, remetemos a Pereira (2000), que trata do assunto sistematicamente, fornecendo ainda uma tradução comentada dos capítulos gramaticais do livro I da *Institutio oratoria*.

20. Cf. II, 1, sobre a polêmica entre gramáticos e retores. Não é simples interpretar esta posição de Quintiliano como uma diminuição ou desprezo pelo ofício do gramático. Ele tem a gramática em alta conta e critica os que a consideram árida e de pouca importância (cf. I, 4, 5). Seu interesse é somente em estabelecer, seguindo o costume grego (II, 1, 13), fronteiras definidas entre ensino retórico e gramatical (I, 1, 4), com o fito de melhorar a eficiência de ambos (I, 1, 13). Mas não se pode negar que, nesta sua divisão, o gramático saia desfavorecido.

21. Esses exercícios preliminares, conhecidos por *praeexercitamenta* (ou *progymnasmata*, em grego), tinham uma longa e importante tradição nas escolas antigas de retórica. Theão, Hermógenes, Sardiano são alguns dos autores que trataram do assunto. A *Institutio oratoria* é obra de especial interesse para o conhecimento desta tradição, uma vez que se constitui na primeira exposição latina dos *praeexercitamenta* (cf. Calboli Montefusco, p. 617).

22. A *narratio*, bem como a maior parte dos *praeexercitamenta*, era exercício essencialmente de composição escrita, pelo menos tal como entendido por Quintiliano. Mas nas escolas

ministrar as narrações poéticas, de cunho mais fantasioso (*fabula* – referente à tragédia e à poesia – e *argumentum* – referente à comédia), o retor ficaria com a narrativa histórica, que estaria mais comprometida com a verdade (II, 4, 2). Segue-se então uma lista de outros exercícios²³, destinados a progressivamente preparar o aluno de eloquência para a sua futura tarefa de pronunciar discursos.

O *exercício oral* por excelência era, na classe elementar de retórica, a *declamatio*, que, na época de Quintiliano, gozava de grande prestígio também entre adultos, extrapolando, inclusive, o ambiente escolar. Por meio desse exercício, os alunos podiam exercitar sua eloquência recitando discursos compostos por eles mesmos, ante uma pequena platéia formada por colegas, pelo próprio professor e, não raro, por parentes e amigos do aluno (Marrou, 1950: 383). Havia mesmo a simulação de disputas litigiosas sobre casos fictícios (no caso das *controuersiae*, declamação de tipo judiciário), com os alunos figurando como advogados de defesa ou de acusação ou ainda como um dos próprios litigantes. Quintiliano considera a *declamatio* um exercício de grande utilidade, mas rejeita severamente o caráter fantasioso dos temas escolhidos e o estilo pomposo e espetacular dos declamadores (II, 10), que desprezavam a causa em questão e só pensavam “em deleitar os ouvidos da audiência, mesmo às custas das mais baixas distrações” (II, 12, 6)²⁴. Como verdadeiro retor, quer uma declamação que efetivamente prepare o orador para a realidade do fórum.

Quintiliano busca inspiração no ensino gramatical também no que concerne aos *exercícios elementares de leitura*. Enquanto o gramático se encarrega da leitura comentada dos poetas (*enarratio poetarum*), o retor ficará com a leitura da prosa dos historiadores e oradores (II, 5, 1). O retor não entrará, como o gramático, em pormenores vocabulares. Mas, ao escolher um discurso a ser lido em classe²⁵, exporá a seus alunos a causa à qual se refere o discurso, fará comentários acerca de suas partes, ressaltará as qualidades ou vícios de seu estilo (cf. II, 5, 5-12), seguindo um esquema análogo ao utilizado pelo gramático na leitura dos poetas²⁶.

de retórica parecia habitual haver um desenvolvimento oral de tais exercícios (cf. II, 4, 15-17). Sobre a *narratio* como *praeexercitamentum*, cf. Lausberg, §§ 1111-1116.

23. Como os exercícios de refutação e confirmação do que foi narrado (II, 4, 18), os de elogio e vituperação (II, 4, 20), os de comparação (II, 4, 21), as teses (II, 4, 24-28), etc.

24. ...*nihilque aliud, quam quod uel prauis uoluptatibus aures adsistentium permulceat, quaerunt.*

25. Quintiliano recomenda que o retor designe um aluno para a leitura do texto em voz alta, a fim de acostumá-lo à *pronuntiatio* (II, 5, 6). Na escola do gramático, era ainda o professor que fazia esta *praelectio*, enquanto os alunos seguiam com os olhos o texto lido (II, 5, 4).

26. Sobre a leitura conduzida pelo gramático, cf. I, 8. A analogia dos exercícios de leitura da escola do retor com os da escola do gramático não é fortuita. Tradicionalmente a leitura dos historiadores e oradores era encargo do gramático (cf. Pereira, 2001: 146). Quintiliano, no entanto, quer entregar esta parte do ensino gramatical ao retor, tirando-a das mãos do gramático que, numa estranha inversão, é visto como invasor.

A orientação dada por Quintiliano é a de que os alunos de oratória devem ler, desde o início e sempre, os *optimi* (II, 5, 19). No entanto, é preciso levar em conta o nível elementar da classe. Assim, deve-se escolher, sempre entre os melhores autores, aqueles que sejam mais acessíveis, isto é, os mais límpidos e os mais evidentes. Quintiliano irá então preferir que os meninos leiam Tito Lívio, ao invés de Salústio, que já exige uma formação mais elevada para ser compreendido²⁷ (II, 5, 19). Cícero é também considerado, além de muito acessível aos iniciantes, muito agradável e útil (II, 5, 20)²⁸. É preciso ainda evitar, de um lado, a valorização excessiva da antiguidade dos autores: não se deve querer que os alunos leiam apenas os Gracos, Catão e outros do tipo (II, 5, 21)²⁹. Por outro lado, Quintiliano também acha perigosa a sedução da “lascívia destes floreios modernos” (II, 5, 22)³⁰. Entretanto, ele emenda, a leitura tanto dos antigos quanto dos novos será muito vantajosa, uma vez que se assegure um senso crítico, isto é, o *iudicium* (II, 5, 23).

A propósito do *iudicium*: Quintiliano ressalta que nesse procedimento de leitura “o retor não deve apenas ensinar expositivamente, mas reiteradamente interrogar e testar o juízo crítico de seus discípulos” (II, 5, 13)³¹, isto é, avaliar e estimular a sua capacidade de julgar adequadamente os modelos fornecidos, seja pela leitura ou por outro meio qualquer³². O desenvolvimento do *iudicium* – dessa “visão crítica do aluno”, para usar uma expressão atual – é uma das principais metas da pedagogia de Quintiliano, e tem estreitas relações com a orientação prática de seu ensino retórico.

A arte do orador é como a do general³³. Não se encerra em um conjunto de regras. Está sob o comando do *casus*, das situações imprevistas, que exigem

27. *Ego optimos quidem et statim et semper, sed tamen eorum candidissimum quemque et maxime expositum uelim, ut Livium a pueris magis quam Sallustium et hic historiae maior est auctor, ad quem tamen intellegendum iam profectu opus sit.*

28. *Cicero, ut mihi quidem uidetur, et iucundus incipientibus quoque et apertus est satis...* Quintiliano, inclusive, toma Cícero como padrão, que permite ao retor selecionar, pelo critério de semelhança, os demais autores a serem lidos neste primeiro nível da instrução retórica. O conselho já teria sido dado por Tito Lívio em uma carta a seu filho e Quintiliano apenas o reitera (II, 5, 20; cf. nota de Cousin *in*: Quintilien, 1975: 51, à menção de Tito Lívio nesta passagem de Quintiliano).

29. O mesmo conselho é dado ao gramático para o tratamento das palavras (I, 6, 39-45)

30. *...recentis huius lasciviae flosculis capti...* A referência é certamente à eloquência declamatória, podendo-se ainda pensar aqui em autores como Sêneca, cujo estilo sabidamente desagradava a Quintiliano (cf. X, 1, 125-130).

31. *Neque solum haec ipse debet docere praeceptor, sed frequenter interrogare et iudicium experiri.*

32. O *iudicium* é também um dos componentes do ensino gramatical, segundo Quintiliano (I, 4, 3). Cf. ainda Pereira, 2001: 147.

33. As metáforas militares no âmbito da retórica são muito freqüentes, particularmente em Quintiliano. Cousin (*in*: Quintilien, 1976: 70) nota o fato.

do orador, como do general, uma capacidade de decisão que leve em conta as particularidades de cada caso (cf. II, 13, 2-7). Para isso, mais que tudo, o orador precisa saber julgar a situação que se apresenta, em todas as suas variáveis, fazendo as escolhas certas para compor a sua estratégia de discurso. Por isso, Quintiliano quer que o discípulo, desde o início, seja estimulado a desenvolver o seu *iudicium*, a fim de ser capaz de tomar decisões próprias ante as vicissitudes da vida de orador. Neste sentido, a leitura atenta e crítica dos autores vale mais que todos os tratados de retórica (II, 5, 14). Novamente Quintiliano se inspira na arte militar: nesta há uma tradição de preceitos que deve ser conhecida, ainda que valha mais observar a tática de cada general em cada circunstância e avaliar se ele foi sábio ou não (II, 5, 15). Também o discípulo de oratória aprenderá mais observando na prática, isto é, na leitura e também na audição, a tática utilizada por cada autor ou orador em cada circunstância discursiva, julgando a competência de cada um. E Quintiliano quer seus discípulos, desde o nível elementar, já lançados nesta prática que lhes dará a independência necessária “para que sejam capazes eles mesmos de elaborar e ter um entendimento. Que outra coisa visamos ao ensiná-los, senão que não precisem ser ensinados o tempo todo?” (II, 5, 13)³⁴.

b) *Os Exercícios do Orador já Formado*

No livro X, Quintiliano anuncia que não irá falar ali “de como deve ser formado o orador [...], mas por que gênero de exercitação deve o atleta que já aprendeu com o mestre todos os passos ser preparado para o combate” (X, 1, 4)³⁵. Os métodos de exercitação apresentados são praticamente os mesmos daqueles destinados ao iniciante. A maior diferença é de nível, além do fato de o orador dever agora exercitar-se na leitura, na escrita e no dizer sem a supervisão de um professor (*labor carens rectore*: X, 1, 2).

Assim como os exercícios elementares encerravam-se *in dicendo* com as declamações, também a série do orador formado termina com um capítulo destinado ao dizer (X, 7). Trata-se ali da *eloquentia ex tempore*, ou seja, da improvisação discursiva, *maximus fructus studiorum* (X, 7, 1), que requer ao máximo aquela presteza (*firma facilitas*) no uso dos conhecimentos oratórios. Para tanto, o orador necessita possuir um patrimônio (*opes*) que possa ser usado com prontidão a qualquer momento e situação (X, 1, 4). Esse patrimônio é

34. ...ut inueniant ipsi et intellegant. Nam quid aliud agimus docendo eos quam ne semper docendi sint?

35. Verum nos non quomodo sit instituendus orator hoc loco dicimus [...], sed athleta qui omnis iam perdidicerit a praeceptore numeros quo genere exercitationis ad certamina praeparandus sit.

formado de uma abundância de assuntos e de palavras (*copia rerum ac uerborum*). Quintiliano, retor que era, livra-se logo do encargo das *res*, alegando que “os assuntos são próprios de cada causa ou são comuns somente a poucas³⁶, já as palavras podem ser preparadas para todas em geral” (X, 1, 5). Deste modo, começa o seu livro X tratando dos métodos de aquisição da *copia uerborum*, a saber, da leitura e da audição.

A riqueza vocabular do orador não depende apenas do número de palavras que ele conhece, mas da sua capacidade de usá-las adequadamente no discurso. Trata-se de uma *copia cum iudicio*, e isto, segundo Quintiliano, adquire-se,

lendo e ouvindo os melhores: este trabalho nos faz conhecer não só o nome das coisas, mas também em que lugar eles são mais adequados (X, 1, 8)³⁷.

Princípio adotado desde os níveis mais elementares da formação oratória, como já se pôde ver.

Quintiliano pouco fala da *audição*, ainda que a valorize, reconhecendo que a prática de ouvir bons oradores fornece ao aprendiz o contato vivo com a eloqüência. Há elementos do discurso que apenas pela fala podem ser experimentados: a voz, o gesto, o tom, o risco real que o orador corre (X, 1, 16-17). Porém, na audição fica-se submetido às emoções de momento³⁸ e isto atrapalha a objetividade do juízo. Ao contrário, “na leitura o juízo é mais preciso” (X, 1, 17)³⁹, pois que “a leitura é livre, não transcorre sob o ímpeto da *actio*” (X, 1, 19). O leitor pode reler o texto várias vezes e com vagar, seja para sanar dúvidas seja para memorizá-lo (*ibidem*)⁴⁰.

À diferença do aluno da classe elementar de retórica, ao qual Quintiliano destinara a leitura dos historiadores e oradores, o orador já formado deverá entregar-se ainda à *leitura* dos poetas e dos filósofos (como já o fizera na escola

36. Não se quer dizer com isto que Quintiliano desprezasse o conhecimento dos assuntos. Pelo contrário, ele defende, ao modo de Cícero, que o orador deve possuir uma ampla ciência dos conteúdos (*omnium rerum scientia*). Mas o conhecimento exigido por Quintiliano é o referente ao assunto contido na causa em questão. Não propugna, ao menos não com a mesma intensidade de Cícero, por uma cultura geral em abstrato. O orador deverá conhecer todos os assuntos, sim, mas só na medida em que for instado a falar de cada um (*ego materiam esse rhetorices iudico omnes res quaecumque ei ad dicendum subiecta erunt*: II, 21, 4).

37. *Id autem consequimur optima legendo atque audiendo; non enim solum nomina ipsa rerum cognoscemus hac cura, sed quod quoque loco sit aptissimum.*

38. Sobretudo as suscitadas na platéia, a qual era muitas vezes composta de uma claque remunerada (cf. Cousin *in*: Quintilien, 1976: 293).

39. *In lectione certius iudicium...*

40. *Lectio libera est, nec ut actionis impetus, transcurrit, sed repetere siue dubites, siue memoriae penitus adfigere uelis.*

do gramático)⁴¹. Quintiliano então fornece a famosa lista comentada de autores gregos e latinos prescritos como leitura ao orador (X, 1). É notável a semelhança desta lista com o *curriculum* de leituras clássicas que prevaleceu em nossa cultura. Homero é o primeiro, o fundador de toda a poesia, fonte original de toda a eloquência (X, 1, 46), sendo Virgílio, seu correspondente latino, o segundo em importância (X, 1, 86). Depois, bem de longe, seguem-se os demais (*ceteri longe sequuntur*: X, 1, 10). Sabidamente entre nós poucos ainda são os que questionam essa hierarquia. Dos oradores, Demóstenes para a Grécia, Cícero para Roma. E assim, fazendo sempre um paralelo dos maiores em cada gênero, Quintiliano vai colocando Salústio ao lado de Tucídides, Tito Lívio junto com Heródoto...

Com a leitura desses autores, o orador adquiriria, como já foi dito, a *copia uerborum* – à qual Quintiliano ainda acrescenta a variedade de figuras e o esquema de composição da frase (X, 2, 1). Mas, para além destes elementos de cunho especificamente lingüístico, a leitura deveria fornecer sobretudo um “modelo (*exemplum*) de todas as qualidades pelas quais o espírito deve guiar-se” (*ibidem*)⁴². Ora, o *exemplum* é algo que deve ser imitado, o que faz a *lectio* ter uma consequência para a exercitação ativa da *ars*: a imitação⁴³.

No contexto da educação oratória, a *imitatio* consistia em uma prática através da qual o discípulo deveria, por meio da leitura cuidadosa, observar as virtudes dos autores modelares e imitá-las em seu discurso. A idéia era de que, ao imitar os modelos de oratória, o discípulo não restringia o aprendizado dos preceitos do bem dizer aos manuais teóricos de retórica. Entrava antes em contato direto com a eloquência da qual tais preceitos emergiam, buscando daí transferi-los para o seu próprio discurso. Quintiliano confere uma tal importância à *imitatio* no processo educativo do orador, que chega mesmo a afirmar que “grande parte da arte retórica consiste na imitação” (X, 2, 1)⁴⁴.

Leitura e imitação são indissociáveis no contexto da educação oratória. Lendo os melhores, o discípulo toma conhecimento de uma tradição oratória, desenvolve o gosto nos limites de uma tal tradição, aprendendo a discernir e daí a imitar, apropriando-se ativamente da coisa lida. Para Quintiliano, deve-se saber o que se pretende imitar em cada autor, pois em todos há defeitos (X, 2, 14). Além disso, imitar sem discernimento não passa de simples arremedo:

41. Além da literatura propriamente poética, Quintiliano também considera a leitura de textos filosóficos em verso como parte do ensino gramatical (I, 4, 4). É possível afirmar que o programa de exercícios do orador já formado surge como uma repetição, em nível avançado, de todo o curso escolar do *puer*, incluindo-se o fornecido pelo gramático.

42. *Ex his ceterisque lectione dignis auctoribus et uerborum sumenda copia est et uarietas figurarum et componendi ratio, tum ad exemplum uirtutum omnium mens dirigenda.*

43. A definição é de Lausberg, §1140, que o reitera, dizendo que a *imitatio* “é o resultado ativo da leitura repetida” (§ 1143).

44. *Neque enim dubitari potest quin artis pars magna contineatur imitatione.*

É regra geral da vida querer fazer aquilo que nós mesmos aprovamos nos outros (X, 2, 2)⁴⁵.

Porém,

é vergonhoso contentar-se com apenas reproduzir aquilo que se imita (X, 2, 7)⁴⁶.

Então, para imitar, o orador deve saber primeiro aquilo que ele aprova nos outros, é preciso que ele tenha formado o gosto e adquirido a capacidade de julgar, isto é, o *iudicium*.

Quintiliano não pretende impedir, com a *imitatio*, a continuidade da criação literária. É sempre possível adicionar ao modelo original. “Se não”, diz ele, “não teríamos nada mais em poesia que Lívio Andronico, nada mais em História que os Anais dos pontífices” (X, 2, 7)⁴⁷. Como bem nota Pereira (2000: 31):

Não é para cultuá-los de maneira servil que se devem levar em conta os “modelos” do passado, mas para procurar atingir sua excelência e, nisso, até mesmo para ultrapassá-los. Os bons escritores do passado e suas obras constituem apenas um ponto de referência. Aqui, portanto, imitar significa antes *espelhar* – para aperfeiçoar!

Além disso, Quintiliano também não defende a adoção de um modelo único: deve-se servir de vários e tirar de cada um o que ele tem de melhor (X, 2, 24-26)⁴⁸, o que faz então de seu orador uma síntese viva da tradição literária.

Lectio e auditio são exercitações consideradas por Quintiliano como reforços vindos de fora (*auxilia extrinsecus adhibentur*). Mas ainda existem aquelas “que devem ser preparados por nós mesmos” (*quae nobis ipsis parandae sunt*: X, 3, 1), a saber a escrita (*stilus*) e a meditação (*cogitatio*).

Quintiliano concorda com Cícero ao considerar a *escrita* “o melhor formador e mestre da eloquência” (*optimum effectorem ac magistrum dicendi*: X, 3, 1)⁴⁹. “É ali que se encontram as raízes, ali os fundamentos, ali as riquezas recônditas em um tesouro como que sagrado...” (X, 3, 3)⁵⁰. Uma das virtudes da

45. *Atque omnis uitae ratio sic constat, ut, quae probamus in aliis, facere ipsi uelimus.*

46. *Turpe etiam illud est, contentum esse id consequi quod imiteris.*

47. *Nihil in poetis supra Liuium Andronicum, nihil in historiis supra pontificum annales haberemus...*

48. Segundo Galand-Hallyn (1999: 160) a idéia já aparece em Dionísio de Halicarnasso (*Cartas a Pompeu*, III) e em Sêneca-o-velho (*Conti*: I, pr. 6). Muitos séculos depois, ela ressurgirá em Petrarca, em carta a Boccaccio (ed. Fracassetti, t. III, pp. 239-241).

49. Cf. Cícero, *De orat.* I, 150.

50. *Illic radices, illic fundamenta sunt, illic opes uelut sanctiore quodam aerario conditae, unde ad subitos quoque casus, cum res exiget, proferantur.*

escrita mais apreciadas por Quintiliano é o isolamento silencioso a que ela conduz o orador, virtude destruída pelo hábito, em voga na época, de se ditar o texto a um secretário (X, 3, 18-22). Suas considerações sobre o isolamento do ato de escrever são muito pessoais e chegam a ter um sopro quase lírico. Segundo ele, o escritor não deve procurar tal isolamento nas florestas e nos lugares espetaculares da natureza, que mais servem para agradar que para promover o estudo (X, 3, 22-23). É mais útil refugiar-se no silêncio da noite, num quarto fechado e sob uma luz solitária (X, 3, 25)⁵¹. Este isolamento da escrita permite que os conhecimentos oratórios sejam lentamente sedimentados, sem o que aquela *copia* não poderá ser nem tão firme, nem tão facilmente acessada.

A *cogitatio* é um exercício intermediário entre a escrita e a improvisação (X, 6, 1). Tem a vantagem sobre a primeira de estimular mais a memória (X, 6, 2). Ela possibilita ao orador “tratar de todo um assunto, mesmo estando em silêncio” – esse silêncio que Quintiliano tanto aprecia! – “como que a discursar no interior de si mesmo” (X, 7, 25)⁵². Mas o grande proveito que o orador pode tirar da *cogitatio* é a liberdade de exercitar-se na eloquência em momentos e lugares diversos (X, 6, 1)⁵³, pois, “na verdade, deve-se estudar sempre e em toda parte” (X, 7, 27)⁵⁴. Quintiliano, portanto, prevê um programa de estudos de fato tão integral, que abarca não apenas a vida toda, mas ainda todas as horas da vida.

4. A destinação moral do ensino oratório

A forte orientação da pedagogia de Quintiliano para a prática tem estreitas relações com a sua intenção de formar um orador bom, tanto no sentido técnico quanto no moral. Como já foi dito, para se formar um *dicendi peritus* é preciso não apenas instrução técnica, mas principalmente o desenvolvimento da *facilitas*, da *héxis*, da prontidão em usar adequadamente os conhecimentos disponíveis, sabendo lidar com os imprevistos da ocasião. E “são o hábito e a exercitação os mais capazes de gerar a prontidão” (X, 7, 8)⁵⁵. E para se formar um *uir bonus*, por sua vez, requer-se uma formação inspirada pelos *optimi*, modelos a serem imitados. Pois não há outra maneira de se aprender a ser bom, e nos dois sentidos do termo, senão na convivência com a gente exemplar: pais, professores, autores.

51. *Ideoque lucubrantēs silentium noctis et clausum cubiculum et lumen unum uelut tectos maxime teneat.*

52. *Est illa exercitatio cogitandi totasque materias uel silentio (dum tamen quasi dicat intra ipsum) persequendi.*

53. *...cogitationi temporis ac loci plurimum est.*

54. *Studendum uero semper et ubique.*

55. *Nam consuetudo et exercitatio facilitatem maxime parit.*

É preciso, pois, ressaltar a função de formação moral que a *imitatio* possuía no contexto pedagógico da *Institutio oratoria*. A relação entre o desenvolvimento moral do espírito e a imitação de modelos é ali uma constante. Para que escravos, pais, professores, além de terem linguagem *exemplar*, devem, acima de tudo, ser virtuosos? Porque serão tomados como modelos de imitação pelo *puer*, que haverá de se tornar um *uir bonus dicendi peritus*. Na fase adulta, apenas se acrescenta a esses modelos de infância aquele dos autores, sendo eles igualmente modelos de linguagem e exemplo de virtude⁵⁶.

Para Quintiliano, ser bom e aprender a falar são interdependentes, já que “somente o homem de bem pode dizer bem” (II, 15, 34)⁵⁷.

Ao homem bom jamais faltará a linguagem da virtude nem a maneira de encontrar as melhores idéias (...); mesmo sem qualquer artifício, elas são satisfatoriamente ornadas por sua própria natureza e não há nada que, ao ser dito honestamente, não seja bem dito (XII, 1, 30)⁵⁸.

Mas a formação, a cultura podem e devem aperfeiçoar a virtude. “É o caráter do orador, antes de tudo, que se deve cultivar através dos estudos” (XII, 2, 1)⁵⁹. Como nota Seel (1987: 58), Quintiliano inverteu a seqüência lógica dos dois membros da frase de Catão – *uir bonus dicendi peritus*. Para este, o homem devia ser bom para atingir legitimamente a eloqüência. Quintiliano concorda com isso, mas no fundo tem uma intenção inversa: a verdadeira virtude não é para ele um pressuposto, mas sim a conseqüência de uma educação oratória adequada.

Como *scientia*, a retórica é um saber amplo, que consiste no conhecimento dos preceitos técnicos da eloqüência, no conhecimento do direito civil, da religião de Estado, dos negócios públicos, da história e dos costumes, e ainda do justo e do honesto, saber que se faz pela audição e leitura dos melhores poetas, historiadores, filósofos e oradores e pela experiência da vida pública. Ante a magnitude do estudo exigido por tal *scientia*, “jamais um homem mau poderá se tornar um orador, pois que ninguém é mau sem ser ao mesmo tempo estúpido” (XII, 1, 4)⁶⁰, crê Quintiliano.

56. Diga-se de passagem que também esta idéia de modelos literários serem igualmente modelos morais por muito tempo vigorou em nossa tradição intelectual e educacional (cf. Curtius, 1996: 535).

57. ...cum bene dicere non possit nisi bonus.

58. ...bonos nunquam honestus sermo deficiet, numquam rerum optimarum (nam idem etiam prudentes erunt) inventio: quae etiam si lenociniis destituta sit, satis tamen natura sua ornatur nec quicquam non diserte, quod honeste, dicitur.

59. ...mores ante omnia oratori studiis erunt excolendi...

60. ...quod si neminem malum esse nisi stultum...

O amor ao estudo torna-se, portanto, imprescindível ao orador. E esse amor, apenas o homem de bem o possui. Eis a argumentação de Quintiliano:

A mente não pode entregar-se ao estudo da mais bela das atividades se não estiver livre de todo o vício. (XII, 1, 4)⁶¹

– e, ainda, de toda a preocupação exterior:

As preocupações excessivas com a propriedade, as atenções demasiado ansiosas dadas aos assuntos familiares, os prazeres da caça e os dias dedicados aos espetáculos, tudo isso rouba muito tempo dos estudos – pois para os estudos é perdido o tempo que se dedica a outra ocupação – e o que não haverão de fazer a cupidez, a avareza, a inveja, das quais os mais desenfreados pensamentos perturbam até o próprio sono e aquelas visões [oníricas] durante o repouso? (XII, 1, 6)⁶².

A *mala mens* está atormentada por mil afetos. Em tal estado, pergunta Quintiliano, “que espaço haverá para as letras ou para qualquer outra nobre atividade?” (XII, 1, 7)⁶³.

Àquele que deseja ser orador, Quintiliano ainda impõe frugalidade, a fim de suportar os esforços durante os estudos, devendo-se evitar a libidinagem e a luxúria (XII, 1, 8). O que faz a diferença essencial entre o orador desonesto e o honesto é que o desonesto jamais terá o mesmo ardor pelo estudo que o honesto e, portanto, jamais poderá ser tão preparado como este (XII, 1, 9). Além disso, é imprescindível ao orador possuir uma virtude em particular: *fortitudo* – coragem, a fim de suportar pressões e enfrentar situações difíceis sem ser corrompido (XII, 1, 23-24).

É irresistível ver aqui um esboço do intelectual de tradição monástica⁶⁴: distante das preocupações do mundo, distante dos divertimentos, com a mente tranqüila, direcionada unicamente para o estudo, e cheio de coragem, para não ceder à corrupção. De fato, o orador idealizado na *Institutio oratoria* está mais próximo desse tipo de intelectual que do advogado causídico⁶⁵. Quintiliano

61. *Adde quod ne studio quidem operis pulcherrimi uacare mens nisi omnibus uitis libera potest...*

62. *Quod si agrorum nimia cura et sollicitior rei familiaris diligentia et uenandi uoluptas et dati spectaculis dies multum studiis auferunt (huic enim rei perit tempus quodcumque alteri datur), quid putamus facturas cupiditatem, auaritiam, inuidiam, quarum impotentissimae cogitationes somnos etiam ipsos et illa per quietem uisa perturbent?*

63. *Quis inter haec litteris aut ulli bonae arti locus?*

64. Curtius (1996: 535) já vê no orador de Quintiliano o intelectual de tipo humanista, “vivendo apenas para seus estudos, um amante da literatura e das musas”.

65. Marrou (1950: 385) crê o contrário: “é claro que o orador que ele busca formar é destinado antes de tudo a tornar-se um advogado”. Certamente, esse é o objetivo “oficial” de seu programa educacional, mas muitas passagens da *Institutio oratoria* deixam-nos dúvidas de que tal objetivo estaria colocado “antes de tudo”.

radicaliza a tal ponto, que chega a prever ousadamente uma condição inteiramente nova para o orador: a de um homem afastado até mesmo da vida pública, dedicado unicamente às letras, dono de uma *eloquentia tacens*⁶⁶. Assim, essencial ao orador de Quintiliano é antes ser bom, até mais do que falar.

Adquirir uma vastíssima cultura, conhecer os preceitos do dizer, possuir *fortitudo*, desenvolver o *iudicium*, ter amor ao estudo, orientar-se pelo justo e pelo honesto, estar com a mente desocupada, tudo isso eram compromissos do orador, e o não cumprimento de qualquer um deles frustrava toda tentativa de dizer bem. Parece uma tarefa demasiado grande para ser cumprida por um ser humano comum. Mas Quintiliano, com sua extrema fé na destinação humana para o bem, procura animar o discípulo de oratória:

Na verdade, isto que constitui a coisa primeira e mais importante, que é sermos homens de bem, provém sobretudo da vontade; aquele que dela se reveste com sinceridade, facilmente receberá os conhecimentos ensinados pela virtude. Pois que os preceitos não são tão complexos nem tão numerosos que não possam, com aplicação, ser aprendidos em uns poucos anos. O que faz o trabalho longo é aquilo que rejeitamos; breve é a formação para a vida honesta e ditosa, se a ela deres crédito (XII, 11, 11-12)⁶⁷.

Assim, com palavras de um professor esperançoso, Quintiliano vai encerrando o seu longo tratado, dedicado a formar o orador como um homem bom e versado na eloquência.

CONCLUSÃO

O exposto neste artigo é apenas uma amostra bastante pequena das idéias educacionais de Quintiliano, mas talvez seja ela já suficiente para permitir compreender o título de “fundador da pedagogia” que foi concedido por alguns estudiosos ao autor da *Institutio* (cf. Bolaffi, 1957: 646). É certo que as idéias de Quintiliano acerca da educação oratória não prevaleceram sobre a

66. Cf. Seel (1987: 63), que viu nisso uma idéia arrojada de Quintiliano, o que é bastante verdadeiro no âmbito da tradição retórica. Mas cremos que ela pode ter tido motivações políticas, levando-se em conta que talvez não fosse tão vantajoso expressar-se de viva-voz numa época tão perigosa aos *boni uiri*, como foi a do período final do governo de Domiciano, durante a qual a *Institutio* foi escrita. A idéia está melhor desenvolvida em Avila Vasconcelos (2000: 23-26).

67. *Nam id quod prius quodque maius est, ut boni uiri simus, uoluntate maxime constat: quam qui uera fide induerit, facile easdem, quae uirtutem docent, artis accipiet. Neque enim aut tam perplexa aut tam numerosa sunt, quae praemuniuntur, ut non paucorum admodum annorum intentione dicantur. Longam eam facit operam, quod repugnamus: breuis est institutio uitae honestae beataeque, si credas.*

tendência tecnicista das escolas da Roma antiga. Mas Quintiliano irá deixar-nos um legado importante. Não é por acaso que sentimos suas idéias pedagógicas tão atuais, nelas ouvindo ecos de nossos maiores educadores. De fato, elas compõem uma longa tradição. Já no período tardo-antigo e início da Era Medieval, Quintiliano nutre autores como Lactâncio, São Jerônimo, Julio Vítor, Cassiodoro, Isidoro... A partir de então, a *Institutio oratoria* inspira, em diversas épocas, muitos pensadores da educação, entre os mais famosos, Bernard de Chartres, Erasmo e Comênio (cf. Dingel 2001: col. 720), sem querer citar educadores mais recentes, nos quais não será difícil encontrar idéias análogas às de Quintiliano. Mas foi mesmo no Renascimento que a *Institutio oratoria* teve a recepção mais significativa. Com sua abordagem erudita das questões de linguagem, com sua ênfase pedagógica, com sua exigência de uma rigorosa formação do gosto literário, essa obra forneceu a muitos autores humanistas um modelo a ser seguido (cf. Rahn *in*: Quintilianus, 1988: 838), daí contribuindo para a formação de muitos dos ideais de cultura e de educação do Ocidente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMIETZ, J. “Quintilians ‘Institutio oratoria’”. In: TEMPORINI, H. & W. HAASE (ed.) *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, vol. II.32.2, pp. 2226-2271, 1986.
- ARISTOTLE. *The works of Aristotle*. Translated into English under the editorship of W. D. Ross. Chicago/London/Toronto: *Encyclopaedia Britannica*, 1952, 2 vols.
- ATKINS, J. W. H. *Literary Criticism in Antiquity*. A sketch of its development. London: Methuen & Co., 1952, 2 vols.
- AVILA VASCONCELOS, B. *Ciência do dizer bem*. A concepção de retórica de Quintiliano em *Institutio oratoria*, II, 11-21. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2000.
- BOLAFFI, E. “La critica filosofica e letteraria in Quintiliano”. *Latomus*, vol. XV, 1956, p. 532-543; vol. XVI, 1957, pp. 49-59, 263-274, 446-457.
- _____. “Quintiliano pedagoga e maestro”. *Latomus*, vol. XVI, 1957, pp. 642-654.
- CALBOLI MONTEFUSCO, L. “Quintilian and the function of the oratorical *exercitatio*”. *Latomus*, vol. LV.3, 1996, pp. 615-625.
- CICERÓN. *Acerca del orador*. Introducción, versión y notas de Amparo Gaos Schmidt. Ciudad del Mexico: UNAM, 1995, 2 vols.
- CICERÓN. *De la invención retórica*. Introducción, traducción y notas de B. Reyes. Ciudad del Mexico: UNAM, 1997.
- CLARKE, M. L. *Rhetoric at Rome*. A Historical Survey. 2nd ed. London/New York: Routledge, 1966.

- CURTIUS, E. R. *Literatura européia e idade média latina*. Trad. de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.
- DINGEL, J. “Quintilianus”. In: CANCIK, H. & H. SCHNEIDER (ed.) *Der Neue Pauly – Enzyklopädie der Antike*. Band 10, 2001, col. 716-721.
- GALAND-HALLYN, P. “La rhétorique en Italie à la fin du Quattrocento (1475-1500)”. In: FUMAROLI, M. (dir.) *Histoire de la rhétorique dans l’Europe Moderne, 1450-1950*. Paris: PUF, 1999, pp. 131-190.
- KENNEDY, G. “An estimate of Quintilian”. *American Journal of Philology*, vol. 83.2, 1962, pp. 130-146.
- _____. *The Art of Rhetoric in the Roman world. 300 B.C.-A.D. 300*. Princeton: Princeton University Press, 1972.
- LAUSBERG, H. *Handbuch der literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft*. 3. Aufl. Stuttgart: Franz Steiner, 1990.
- MARROU, H. I. *Histoire de l’éducation dans l’Antiquité*. 2^{ème} éd. Paris: Seuil, 1950.
- PASCAL, N. “The legacy of Roman education”. *The Classical Journal*, vol. 79.4, 1984, pp. 351-355.
- PEREIRA, M. A. *Quintiliano gramático. O papel do mestre de gramática na Institutio oratoria*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2000.
- _____. “Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Cícero e Quintiliano”. *PhaoS – Revista de Estudos Clássicos*, vol. 1, 2001, pp. 143-157.
- QUINTILIANUS, Marcus Fabius. *Ausbildung des Redners: zwölf Bücher*. 2. durchges. Aufl. Hrsg. und übers. von Helmut Rahn. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988, 2 vols.
- QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1975-1980, 7 vols.
- SEEL, O. *Quintilian oder die Kunst des Redens und Schweigens*. Stuttgart: Ernst Klett, 1977.